

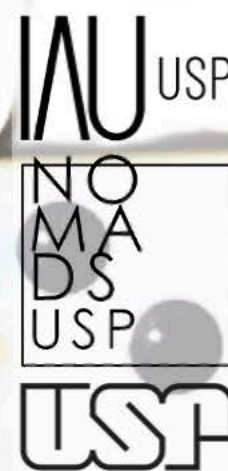
# VIRUS

30

DIÁLOGOS  
MULTILATERAIS  
PRÁXIS  
INTERLOCUÇÕES  
CONFRONTAÇÕES

PORTUGUÊS-ESPAÑOL | ENGLISH  
REVISTA . JOURNAL  
ISSN 2175-974X  
CC-BY-NC-AS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
NOMADS.USP HABITARES INTERATIVOS  
[HTTPS://REVISTAS.USP.BR/VIRUS](https://revistas.usp.br/virus)  
DEZEMBRO 2025



DIÁLOGOS MULTILATERAIS: PRÁXIS, INTERLOCUÇÕES E CONFRONTAÇÕES  
MULTILATERAL DIALOGUES: PRAXIS, INTERLOCUTIONS, AND CONFRONTATIONS  
DIÁLOGOS MULTILATERALES: PRAXIS, INTERLOCUCIONES Y CONFRONTACIONES

EDITORIAL

- 001 DIÁLOGOS MULTILATERAIS: PRÁXIS, INTERLOCUÇÕES E CONFRONTAÇÕES  
MULTILATERAL DIALOGUES: PRAXIS, INTERLOCUTIONS, AND CONFRONTATIONS  
DIÁLOGOS MULTILATERALES: PRAXIS, INTERLOCUCIONES Y CONFRONTACIONES  
MARCELO TRAMONTANO, JULIANO PITA, PEDRO TEIXEIRA, LUCAS DE CHICO, ESTER GOMES, JOÃO PEREIRA, AMANDA SOARES

ENTREVISTA

- 005 O POVO NEGRO E UM DIÁLOGO SILENCIADO DE QUINHENTOS ANOS  
BLACK PEOPLE AND A FIVE-HUNDRED-YEAR SILENCED DIALOGUE  
EL PUEBLO NEGRO Y UN DIÁLOGO SILENCIADO DE QUINIENTOS AÑOS  
CASIMIRO LUMBUNDANGA, MARCELO TRAMONTANO

ÁGORA

- 014 SOBERANIA E TECNODIVERSIDADE  
SOVEREIGNTY AND TECHNODIVERSITY  
SERGIO AMADEU DA SILVEIRA
- 024 CIDADES PARA QUEM? VIDA URBANA E CORPOS VULNERÁVEIS  
CITIES FOR WHOM? URBAN LIFE AND VULNERABLE BODIES  
ETHEL PINHEIRO, JACQUELINE KLOPP
- 042 PORTO, ENTRE DUAS PONTES: IMAGENS DE UM ESPAÇO EM TENSÃO  
PORTO BETWEEN TWO BRIDGES: IMAGES OF A SPACE IN TENSION  
JORDAN FRASER EMERY
- 063 AUTORIA DESCONHECIDA  
AUTHOR UNKNOWN  
MARTA BOGÉA, MARIANA VETRONE
- 082 CASO-EXPERIÊNCIA: DESAFIOS METODOLÓGICOS NA METRÓPOLE CONTEMPORÂNEA  
CASE-EXPERIENCE: METHODOLOGICAL CHALLENGES IN THE CONTEMPORARY METROPOLIS  
YURI PAES DA COSTA, EDUARDO LIMA, CARLOS MAGALHÃES DE LIMA
- 097 A PRODUÇÃO ESTATAL DO RISCO: HABITAÇÃO SOCIAL E VULNERABILIDADE A DESASTRES  
STATE-PRODUCED RISK: SOCIAL HOUSING AND DISASTER VULNERABILITY  
CATHARINA SALVADOR, THAMINE AYOUB, MILENA KANASHIRO

|     |                                                                                                                                                                                                           |
|-----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 114 | FINANCEIRIZAÇÃO DA HABITAÇÃO EM CONTEXTOS DE ECONOMIA COMPARTILHADA<br>HOUSING FINANCIALIZATION IN SHARING ECONOMY CONTEXTS<br>VINICIUS BARROS, ÉRICO MASIERO                                             |
| 128 | HABITAR O COMUM: A POÉTICA URBANA EM LEFEBVRE E NA TEORIA DO COMUM<br>INHABITING THE COMMON: URBAN POETICS IN LEFEBVRE AND IN THE THEORY OF THE COMMONS<br>CAROLINA AKEMI NAKAHARA                        |
| 142 | PRIVATIZAÇÃO DOS PARQUES URBANOS E A PRODUÇÃO NEOLIBERAL DO ESPAÇO<br>URBAN PARKS PRIVATIZATION AND THE NEOLIBERAL PRODUCTION OF SPACE<br>ISABELLA SOARES, CLARICE DE OLIVEIRA                            |
| 156 | TOPOLOGIAS DO CUIDADO: DA CLAREIRA AO PARQUE EM PETER SLOTERDIJK<br>TOPOLOGIES OF CARE: FROM THE CLEARING TO THE PARK IN PETER SLOTERDIJK<br>BRÄULIO RODRIGUES                                            |
| 167 | O DES-RE-HABITAR NO DESASTRE SOCIOAMBIENTAL EM MACEIÓ-AL<br>THE DIS-RE-INHABITING IN THE SOCIO-ENVIRONMENTAL DISASTER IN MACEIÓ-AL<br>WANDERSON BARBOSA, TAMYRES OLIVEIRA, ROSELINE OLIVEIRA              |
| 186 | SOLOS URBANOS E AGRICULTURA ORGÂNICA: CONSERVAÇÃO E RESILIÊNCIA<br>URBAN SOILS AND ORGANIC FARMING: CONSERVATION AND RESILIENCE<br>LUCAS LENIN DE ASSIS                                                   |
| 199 | EDUCAÇÃO URBANÍSTICA E AMBIENTAL COMO CONTRIBUIÇÃO SOCIAL<br>URBAN AND ENVIRONMENTAL EDUCATION AS A SOCIAL CONTRIBUTION<br>LUIZA HELENA FERRARO, MARIANA PEREIRA, GISELLE ARTEIRO AZEVEDO                 |
| 214 | A PLURALIDADE EPISTÊMICA DO TERRITÓRIO NA CRÍTICA AO URBANOCENTRISMO<br>THE EPISTEMIC PLURALITY OF TERRITORY IN THE CRITIQUE OF URBAN-CENTRISM<br>ANGELA ELIAS DE SOUZA, CAIO GOMES DE AGUIAR             |
| 230 | DADOS, GOVERNANÇA E OPACIDADE: POR UM DIREITO INFORMACIONAL À CIDADE<br>DATA, GOVERNANCE, AND OPACITY: TOWARD AN INFORMATIONAL RIGHT TO THE CITY<br>MARINA BORGES                                         |
| 241 | INFÂNCIAS NA CIDADE: TENSÕES, DIREITOS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO<br>CHILDHOODS IN THE CITY: TENSIONS, RIGHTS, AND INCLUSION PRACTICES<br>SAMANTHA PEDROSA, ELIANE PEREIRA                                    |
| 255 | FRAGMENTOS DO RIO NO XIX: A MISERICÓRDIA E SEUS LOGRADOUROS<br>FRAGMENTS OF 19TH-CENTURY RIO: MISERICÓRDIA AND ITS THOROUGHFARES<br>LETÍCIA CAMPANHA PIRES                                                |
| 266 | A LINHA VERDE DE FRANCIS ALÿS: IMPERIALISMO E OS LIMITES DO SUL GLOBAL<br>FRANCIS ALÿS' GREEN LINE: IMPERIALISM AND THE LIMITS OF THE GLOBAL SOUTH<br>YURI TARACIUK                                       |
| 279 | RACIONAIS MC'S: A CONSTITUIÇÃO DO NEGRO DRAMA COMO SUJEITO DE RESISTÊNCIA<br>RACIONAIS MC'S: THE CONSTITUTION OF NEGRO DRAMA AS A SUBJECT OF RESISTANCE<br>CEZAR PRADO                                    |
| 290 | TECNOLOGIA VERNACULAR DAS MULHERES GUARANI MBYA E PATRIMÔNIO CULTURAL BIODIVERSO<br>FEMALE GUARANI MBYA VERNACULAR TECHNOLOGY AND BIODIVERSE CULTURAL HERITAGE<br>ANA LUIZA CARVALHO, DINAH DE GUIMARAENS |



|     |                                                                                                                                                                                                              |
|-----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 305 | CORPOS DANÇANTES, ARQUITETURAS DO AXÉ: RITUAIS DE LAVAGEM EM PENEDO-AL<br>DANCING BODIES, AXÉ ARCHITECTURES: WASHING RITUALS IN PENEDO-AL<br>MARIA HEDUARDA VASCONCELOS, MARIA ANGÉLICA DA SILVA             |
| 319 | O RETRATO ALÉM DO CÂNONE EUROPEU: REINVENÇÕES NA ARTE LATINO-CARIBENHA<br>THE PORTRAIT BEYOND THE EUROPEAN CANON: REINVENTIONS IN LATIN-CARIBBEAN ART<br>JOÃO PAULO DE FREITAS                               |
| 329 | A EXPOSIÇÃO REPASSOS E O MODERNO INTERESSE PELO POPULAR<br>THE REPASSOS EXHIBITION AND THE MODERN INTEREST IN THE POPULAR<br>ARIEL LAZZARIN, CARLOS MARTINS                                                  |
| 352 | DESAFIOS DIGITAIS EM ARQUITETURA E URBANISMO: VIDEOGAMES E PRAXIS PEDAGÓGICA<br>DIGITAL CHALLENGES IN ARCHITECTURE AND URBANISM: VIDEO GAMES AND PEDAGOGICAL PRAXIS<br>THIAGO RANGEL, ALINE CALAZANS MARQUES |
| 370 | DO OLHAR COLONIAL À VISUALIDADE DIGITAL: PAISAGEM, PODER E COLAPSO<br>FROM COLONIAL GAZE TO DIGITAL VISUALITY: LANDSCAPE, POWER, AND COLLAPSE<br>JAQUELINE CUNHA                                             |
| 383 | ONTEM, O SEU FUTURO: A CIDADE EM QUE HOJE ME ENCONTRO<br>YESTERDAY, YOUR FUTURE: THE CITY WHERE I AM TODAY<br>SAMIRA PROÉZA                                                                                  |

## PROJETO

|     |                                                                                                                                                                                                           |
|-----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 401 | ENTRE IMAGENS E OBJETOS COMUNICÁVEIS: ESPAÇO EXPOSITIVO COMO MEDIAÇÃO CULTURAL<br>BETWEEN IMAGES AND COMMUNICABLE OBJECTS: EXHIBITION SPACE AS CULTURAL MEDIATION<br>ANA ELÍSIA DA COSTA, DANIELA CIDADE  |
| 417 | ENSINO E EXTENSÃO: MELHORIAS HABITACIONAIS NO BAIRRO PEQUIS<br>TEACHING AND OUTREACH: HOUSING IMPROVEMENTS IN THE PEQUIS NEIGHBORHOOD<br>ROSSANA LIMA, NÁDIA LEITE, RITA DE CÁSSIA SARAMAGO, SIMONE VILLA |

## O DES-RE-HABITAR NO DESASTRE SOCIOAMBIENTAL EM MACEIÓ-AL THE DIS-RE-INHABITING IN THE SOCIO-ENVIRONMENTAL DISASTER IN MACEIÓ-AL WANDERSON BARBOSA, TAMYRES OLIVEIRA, ROSELINE OLIVEIRA

**Wanderson Nascimento Barbosa** é Arquiteto e Doutorando em Dinâmica do Espaço Habitado pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas. Integrante dos grupos de pesquisa Nordestanças e do Laboratório de Interpretação de Núcleos Habitados. Desenvolve pesquisas em busca da valorização e identificação do patrimônio arquitetônico. wanderson\_nascimentobarbosa@hotmail.com  
<http://lattes.cnpq.br/8031981429943658>

**Tamyres Fontenele de Freitas Oliveira** é Arquiteta e Doutoranda em Dinâmica do Espaço Habitado pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas. Integrante do Laboratório de Interpretação de Núcleos Habitados e do grupo Estudos da Paisagem. Seus temas de pesquisas são nas áreas de preservação, gestão e mapeamento de referências culturais e leciona em cursos de Arquitetura e Urbanismo. tamyresfontenele@hotmail.com  
<http://lattes.cnpq.br/5366314443600047>

**Roseline Vanessa Santos Oliveira** é Arquiteta, Doutora em Arquitetura e Urbanismo. Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas. Lidera o Laboratório de Interpretação de Núcleos Habitados, desenvolvendo trabalhos no campo da identificação e registro de referências culturais, abordando temas do patrimônio paisagístico e história urbanística. roseline@fau.ufal.br  
<http://lattes.cnpq.br/6443235764762267>

ARTIGO SUBMETIDO EM 10 DE AGOSTO DE 2025

Barbosa, W. N.; Oliveira, T. F. F.; Oliveira, R. V. S. (2025). O des-re-habitar no desastre socioambiental em Maceió-AL. *V!RUS*, (30). Diálogos multilaterais: práxis, interlocuções e confrontações. 167-185. <https://doi.org/10.11606/2175-974x.virus.v30.239649>

## Resumo

Este artigo apresenta um olhar multilateral para os confrontos entre forças naturais e edificadas, numa região onde se configura o maior desastre socioambiental em curso no mundo, que acontece na cidade de Maceió, Alagoas, Brasil. O ocorrido resultou no afundamento total ou parcial de cinco bairros da cidade — Pinheiro, Mutange, Farol, Bebedouro e Bom Parto — devido à excessiva extração de sal-gema executada pela empresa Braskem. Buscando compreender as consequências do desastre em termos de (des)ocupação espacial, privilegiou-se como parâmetro metodológico a experiência empírica, partindo do levantamento de dados (observação de dinâmicas pós-desastre e registros fotográficos) e um embate entre imagens para o reconhecimento de transformações paisagísticas causadas pela remoção forçada dos moradores das áreas afetadas. Desta forma, o artigo dialoga com os confrontos e insurgências que se relacionam em meio ao desastre na cidade, resultando no reconhecimento de permanências e rastros de um outro habitar — seja pela vegetação que cresceu, pelos escritos nos muros deixados por ex-moradores, pelo silêncio da área abandonada ou o som de máquinas de demolição — que ressaltam o significado das camadas temporais e simbólicas dessa região em ruínas. Neste sentido, percebemos o desastre como um processo contínuo de metamorfose territorial, onde há uma coexistência das presenças e ausências. E assim, os contrastes temporais se acentuam e as relações entre espaço, tempo e formas de vida indicam a pertinência em revisar o conceito de habitar o urbano. Trata-se não apenas de questões de gestão, mas, em especial, a ideia de compartilhar e conviver de uma forma mais integrada, através da interlocução entre seres (humanos e não humanos) em diferentes temporalidades e no mesmo espaço, construindo outras espacialidades.

**Palavras-Chave:** Des-re-habitar, Desastre socioambiental, Braskem, Maceió.

## 1 Introdução: um olhar estrangeiro

Como estruturar uma reflexão acerca da subsidência de cinco bairros em Maceió-AL pela perspectiva de quem não mora na região? A partir de Ítalo Calvino (2003, p. 53) entendemos que é possível refletir um pouco mais sobre os modos de apreensão do espaço quando o autor diz que “a cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar”. Sabe-se que há infinitas maneiras ou modos que possibilitam esse feito, mas, talvez, do ponto de vista do não morador, seja interessante partir da compreensão do termo que definiu o ocorrido como o maior desastre socioambiental em curso no mundo. Buscando por uma referência mais remota, encontramos a de Raphael Bluteau (1789, p. 391), que define a palavra desastre como algo que atua em torno da “infelicidade” ou “infortúnio”. Embora o lexicógrafo setecentista restrinja sua definição a esses dois termos, essa síntese vislumbra camadas de significância que conseguimos reconhecer no caso de Maceió. O ocorrido integrou caráter social e ambiental (CPI da Braskem, 2024), desencadeando determinadas dinâmicas que, sob o olhar estrangeiro de quem não mora na cidade, provoca a imaginação para os acontecimentos em três tempos: do habitar, do des-habitar e de outras formas de ocupação e apropriação que, aos poucos, recompõem e redefinem os espaços afetados. Essa reconfiguração apresenta-se a partir do re-habitar desses espaços, integrando o conjunto de tempos sobrepostos e entrecruzados, um processo de des-re-habitar, que será tratado de maneira mais detalhada no desenvolvimento do texto.

Outros conceitos perpassam a definição do que levou ao ocorrido, pois, segundo a mineradora responsável pela subsidência, trata-se de um “fenômeno geológico” (Nunes, 2022). É importante considerar os diversos estudos apontados pelo relatório final da CPI da Braskem (2024), que explicam que acontecimentos como este podem ocorrer de modo natural ou pela ação humana. À exemplo, assim como um rio (natural) pode ser contaminado pelo garimpo (ação humana), a exploração irregular das minas de sal-gema em Maceió, desde a década de 1970 (Seixas, 2023), levou ao colapso do solo de cinco bairros da capital alagoana, ocasionando o êxodo da área afetada. Diante disso, pode-se inferir que tal acontecimento na cidade está mais relacionado à ação humana do que à naturalidade em si.

Diversos trabalhos acadêmicos<sup>1</sup>, nas mais variadas áreas, têm procurado compreender não apenas as causas que levaram à tragédia em curso, mas também seus impactos na região afetada, na vida e nas relações das pessoas entre si e com o lugar. São estudos que descortinam complexas camadas, que desenham, definem ou dialogam com as variadas questões que circundam e adentram o crime socioambiental. Desta forma, diferente das pesquisas de Júlia Bulhões (2022) ou Carlos Lopes (2022), por exemplo, em que os autores possuíam relações com os bairros e residentes afetados, os prismas aqui analisados são tecidos a partir do desastre em curso, pós-desocupação da área em afundamento, tendo em vista os caminhos que direcionam para um futuro ainda incerto.

Sendo assim, enquanto método, a abordagem é aqui apresentada através do olhar estrangeiro ao local do desastre. Este trabalho tece outras perspectivas que se desenvolvem, em um primeiro momento, por um contato externo à área estudada — na leitura de matérias jornalísticas, errâncias pelo Google Street View, levantamento e estudo de imagens. Posteriormente, a partir de uma aproximação empírica e pessoal do espaço, o uso da fotografia passa a ser ferramenta fundamental de interlocução entre esse olhar estrangeiro e a percepção de diversas outras camadas daquele território em afundamento — da presença marcante da vegetação em meio às ruínas à ausência de pessoas nos bairros afetados. Com isso, torna-se necessária a revisão do conceito de habitar pelo pensamento de Martin Heidegger (2008) e Igor Guatelli (2012), o qual também contribui com os estudos filosóficos conectados à arquitetura. Além disso, as reflexões de Fernando Atique (2019) amparam a construção da percepção da relação entre arquitetura e memória. Aprofunda-se essa experiência de vivência no local com os estudos corpográficos de Paola Jacques (2008), que nos permite captar in loco as sensações despertadas pelo corpo errante no espaço — como o medo, o silêncio, a empatia e até mesmo a solidão. Já a narrativa de Italo Calvino (2003), em *Cidades Invisíveis*, conecta-se às reflexões sobre outras possibilidades da experiência humana na cidade, a memória e a diversidade dos lugares<sup>2</sup>. Por sua vez, discussões com os integrantes do Laboratório de Interpretação de Núcleos Habitados (PPGAU-UFAL) foram fundamentais para entender tanto a contextualização do caso como seus efeitos no tecido urbano.

Maceió é divulgada e conhecida dentro e fora no Brasil por suas praias marítimas exuberantes. Contudo, com base na experiência dos autores deste artigo, fora desse recorte geográfico, pouco se ouve falar sobre o desafio devastador que a cidade vem enfrentando desde 2018, sendo a maior notificação nacionalmente transmitida em dezembro de 2023<sup>3</sup>, quando ocorreu o rompimento da mina 18 da Braskem (CPI da Braskem, 2024). Embora, pelo menos na última década, não seja a primeira vez que o Brasil é palco de desastres socioambientais por consequências da mineração, como os exemplos das cidades de Mariana e Brumadinho, em Minas Gerais, diferentemente desses dois casos, o solo de Maceió segue colapsando e ainda não é possível mensurar os impactos a longo prazo.

<sup>1</sup> Como exemplos, mencionamos aqui trabalhos vinculados à Universidade Federal de Alagoas: teses de Marina Medeiros (2022) e de Poliana Oliveira (2023), dissertação de Patrícia Vieira (2022) e Trabalhos de Conclusão de Curso de Paulo dos Santos (2023) e Vitória Silva (2025).

<sup>2</sup> Diante da metodologia apresentada e a confluência entre o estudo bibliográfico e a experiência empírica de reconhecimento in loco do local do desastre, algumas referências dos autores mencionados e outros essenciais à narrativa da pesquisa serão destacadas no rodapé ao longo de todo o texto como uma forma de priorizar o debate dos autores em torno das discussões apresentadas neste trabalho.

<sup>3</sup> Até o momento desta produção (novembro de 2025).



**Fig. 1:** Edificação localizada no bairro Farol em Maceió–AL. Fonte: Tamires Cassela, 2024.

Em contrapartida, nota-se que a Figura 1 insinua uma re-ocupação dos espaços por outras configurações de vida. A vegetação, sobretudo, apresenta-se como uma das formas de resistência<sup>4</sup> à desocupação dos bairros, apropriando-se de edificações, ruas, fiações elétricas (hoje desativadas) e diferentes vestígios deixados pelo habitar humano que antes incidia naquele local. Apesar de não mais encontrarmos ali movimentos urbanos, como veículos e pessoas circulando pelas ruas e calçadas, observar esse re-habitar a partir das plantas, que retomam o espaço que um dia foi seu, nos lembra dos ensinamentos de Ailton Krenak (2022), sobre o quanto a vida pode ser selvagem. Por isso nos questionamos: existem permanências em um lugar desabitado por pessoas? Como “estrangeiros” podem contribuir para a compreensão dessa transformação ainda em curso? Bluteau (1789, p. 567) define o estrangeiro como “o que nasceu em uma terra estranha, não naturalizado naquela onde reside”. Embora nenhum dos autores que tecem essas palavras residissem nos bairros afetados, temos alguma relação com os mesmos, de forma que esse “olhar de fora” nos leva a um sentimento de empatia diante do infortúnio e infelicidade que tem assolado a capital alagoana nos últimos anos. A partir dessa perspectiva, com as aproximações empíricas, não se buscava ou se estimava o encontro com uma imagem do lugar; afinal não eram bairros por nós diretamente vivenciados — ou seja, não guardamos memórias em que eles aparecem e não o reconhecemos. Kevin Lynch (2011) nos faz refletir sobre isso a partir da percepção de habitantes de cidades norte-americanas, onde os efeitos dos objetos físicos (vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos) atuam na memória individual e coletiva. Os simbolismos destes elementos — em suas qualidades (forma, cor ou disposição) — permitem a criação de imagens mentais bem

---

<sup>4</sup> Anai Britos (2022, p. 3-4) escreve sobre um alerta contra a “cegueira vegetal” e propõe lembrarmos que “antes desta região ser transformada em uma selva de concreto, era uma floresta”. Reflete sobre como esses vegetais ocupam o espaço sem muito esforço e como a “vegetalidade espontânea é realmente surpreendente”, que mesmo não sendo cultivadas, “subsistem a qualquer custo”.



estruturadas, e quando são alterados constantemente podem ilustrar um “desgaste prático e emocional”<sup>5</sup> (Lynch, 2011, p.96). Observa-se que estes elementos se diluem na subsidência dos bairros em Maceió, à medida que a imagem pública agora é outra — a do desastre — e a imagem individual é bastante afetada pela ausência de pessoas, veículos, de sons e todos os movimentos que uma urbe, mesmo em uma microescala, comumente reverbera.

Dessa forma, o encontro empírico com o desconhecido e uma possível abertura às diversidades de vivências configuram este escrito em seu processo metodológico, caracterizando-se como registros de um olhar estrangeiro<sup>6</sup> ao desastre. Trata-se, portanto, do estudo do espaço através de percepções alheias ao território, que se estabelecem primeiramente através de ferramentas virtuais de investigação, e posteriormente são amparadas pelo contato direto com o espaço. Os diálogos, embates e confrontos desdobram-se entre as produções e apropriações das práticas urbanas, as inter-relações espaciais de interesses divergentes em suas diferentes escalas (local, regional, nacional e mundial), e em como as cosmogonias e visões de mundo impactam os processos de organização da vida urbana.

## 2 Trajetos afundados

Segundo matéria do portal Agência Brasil (Rodrigues, 2023), parte do solo em Maceió chegou a afundar cerca de dois metros entre o início dos primeiros tremores, em 2018, e dezembro de 2023, ocasionando a rápida remoção da população na área afetada para outras regiões da cidade. O rebaixamento das superfícies transformou, inclusive, os caminhos, que ficaram vazios de pessoas e deixaram de fazer parte da dinâmica da cidade, distorcendo aquela imagem pública já explicada pelo pensamento de Lynch (2011). Todas as rotas foram interrompidas, inclusive as de ônibus, VLTs e carros, que tiveram seus percursos desviados daquela área. O esvaziamento teve como consequência o inaccessibilidade às edificações fechadas pela Braskem, que nos norteia a refletir sobre as transformações do lugar. Todos os vãos que permitiam a troca entre espaço interno e externo foram encerrados, de modo a conduzir o observador a uma deambulação pelo lado de fora. Ao avaliarmos esses pontos, outras camadas vão sendo diluídas para além da dicotomia entre público e privado, ou interior e exterior. Se considerarmos os tapumes e muros erguidos, assim como os vãos de acesso fechados para impedir o ingresso das pessoas às construções das áreas afetadas, segundo a crítica de Bruno Zevi (2009, p. 24), estaríamos falando de não-arquiteturas, considerando que “tudo o que não tem espaço interior, não é arquitetura”. Entretanto, assim como “exterior e interior não significam lugares externos e internos” (Guatelli, 2012, p. 110), a distância em torno do que é ou não arquitetura, tal qual entre o habitado e o des-habitado, nos permite refletir a tenuidade desses conceitos olhando para o espaço que permeia cada dualidade. Ao invés de criar uma polaridade, talvez seja interessante notar como esses espaços se inter cruzam ao observar através de brechas (ver Figura 2), revelando, por exemplo, que apesar de não existirem pessoas ocupando os espaços internos das edificações na área afetada, ainda estamos falando de arquiteturas e, agora sendo um território pertencente à Braskem<sup>7</sup>, falamos também de um espaço privado. Isto nos aproxima do pensamento de Lynch (2011, p. 1-2) quando ele explica que:

A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber (...). Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas. (...) Os elementos móveis de uma cidade, em especial as pessoas e suas atividades, são tão importantes quanto as partes físicas estacionárias.

<sup>5</sup> Exemplificado pelo autor a partir do caso da cidade de Los Angeles.

<sup>6</sup> Dessa forma, a partir do olhar estrangeiro, reconhecemos que as percepções do espaço são ampliadas para além do desastre, reconhecendo em elementos como a vegetação uma tentativa do espaço de re-existir, re-habitando as memórias deixadas pela população forçadamente removida.

<sup>7</sup> Embora o termo inicial usado para a compensação das famílias afetadas pela mineração da Braskem seja “indenização”, o próprio Ministério Público reconhece a transferência das áreas ocupadas para a empresa, como demonstrado no parágrafo segundo da cláusula 58 do Termo de Acordo para Extinguir a Ação Civil Pública Socioambiental (Processo n.º 0806577-74.2019.4.05.8000), onde cita “A Braskem compromete-se a não edificar, para fins comerciais ou habitacionais, nas áreas originalmente privadas **e para ela transferidas** em decorrência da execução do Programa de Compensação Financeira (...)” (Brasil, 2020, grifo nosso).



172

**Fig. 2:** Observar por brechas. Fonte: Wanderson Barbosa, 2024.

Ao compararmos a Figura 3 — constituída por fotomontagens de mapas gerados pelo Google em 2024 (imagem superior) e em 2013 (imagem inferior) — percebe-se a construção de um esvaziamento territorial em parte da orla na Laguna Mundaú (correspondente ao bairro Mutange), cujos edifícios foram integralmente demolidos. Inclusive, a delimitação com o Pinheiro, bairro limítrofe, já não existe pelos referenciais físicos (vias, marcos...), mas apenas no mapa administrativo da cidade. A Figura 3 nos apresenta, em ruínas, um recorte da área atingida pela mineração da Braskem e também nos possibilita acessar uma Maceió anterior ao desastre. Para o reconhecimento corpóreo do espaço, utilizamos da prática errante de Paola Jacques (2008) que é definida pela autora como método contrário ao tradicional instrumento de experiência urbana. Ela considera a experiência livre, na qual o “errante não vê a cidade somente de cima, em uma representação do tipo mapa, mas a experimenta de dentro, sem necessariamente produzir uma representação qualquer desta experiência além, é claro, das suas corpografias que já estão incorporadas, inscritas em seu próprio corpo” (Jacques, 2008, s.p.). A exemplo das experienciadas no bairro do Pinheiro, os caminhos aparentam um cenário pós-apocalíptico, de uma cidade-fantasma, com uma atmosfera de abandono e transformação. Ao percorrer esses mesmos espaços em anos anteriores, através do Google Street View<sup>8</sup>, é possível notar, para além da existência de pessoas, pontos nodais de referência espacial que são utilizados pela população urbana, como mercados, oficinas, padarias e restaurantes. Hoje, torna-se quase impossível identificar o tipo de algumas edificações em meio aos vestígios e os pontos edificadas de referência começam a mudar para uma árvore,

---

<sup>8</sup> Talvez, a ferramenta mais acessível, em meio a ausência de pessoas, para estrangeiros entrarem em contato com parte da cidade olhando para diferentes épocas. Considerando que “as fotografias abrem ao observador visões do mundo” (Flusser, 2009, p. 37), utilizamos dessa intermediação na tentativa de aproximar observador e objeto observado a partir de outros momentos, considerando como o espaço se encontra e o que ele foi.



um cacto, pichações nos muros e mesmo características inconstantes, como o som das retroescavadeiras. Como descreve Adele Belitardo,

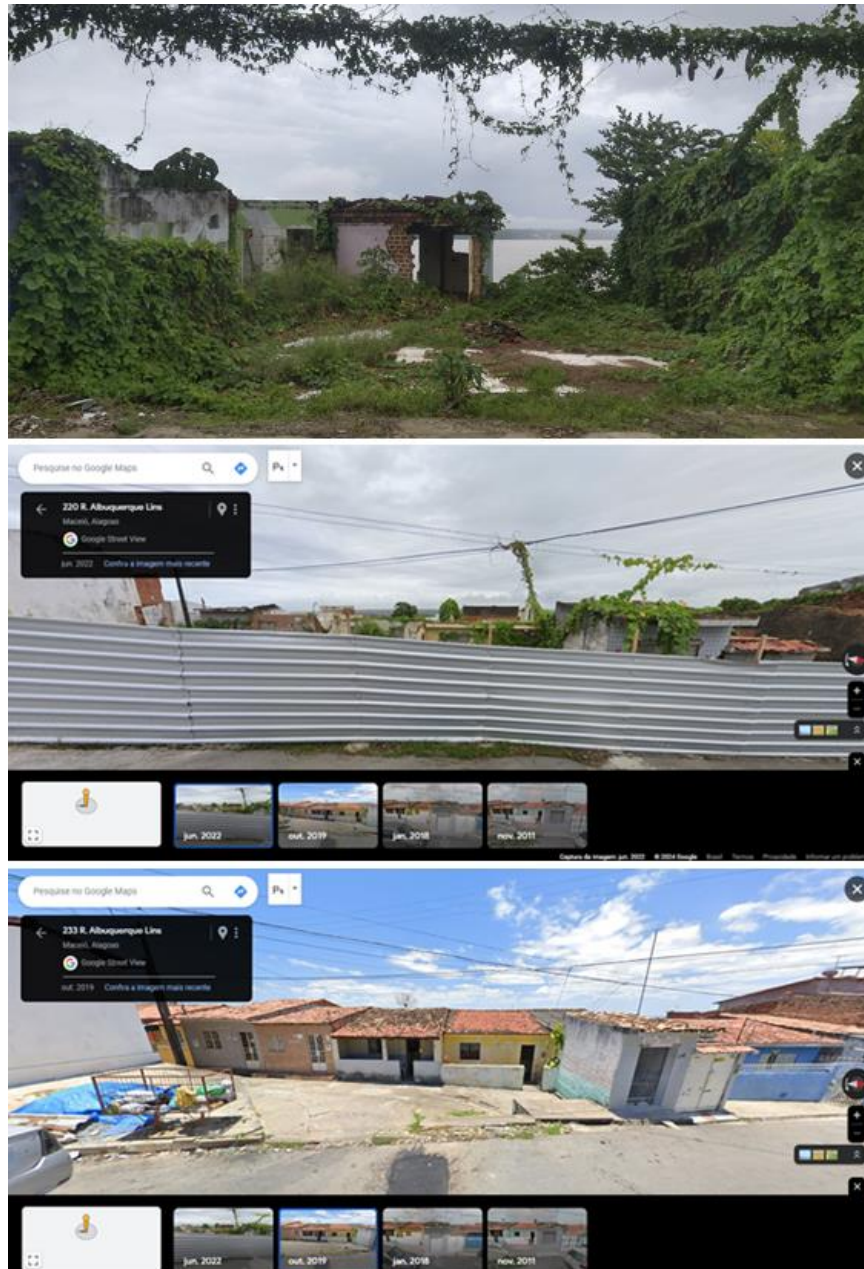
Entre rachaduras e silêncios, uma parte de Maceió transformou-se numa espécie de cidade-fantasma, marcada indelével e dolorosamente pelo desastre causado pela Braskem. Desde os primeiros tremores até os eventos mais recentes, bairros outrora vibrantes foram transformados em paisagens desoladas e demolidas (Belitardo, 2023, s.p.).



**Fig. 3:** Mapa parcial dos bairros em afundamento no ano de 2024 e 2013, respectivamente. Fonte: Google Maps, adaptado pelos autores, 2024.

Durante as visitas à área colapsada, diversas palavras surgem, algumas em meio a uma profusão de sentimentos e outras escritas pelos próprios moradores nos muros de suas residências, como: luto, morte, perda, socorro, vazio, silêncio. Este último interpreta-se não apenas como a ausência de sons, pois eles existem, mas também pela aparente incerteza dos caminhos a serem percorridos no futuro. A fotomontagem a seguir (Figura 4) mostra três tempos de uma mesma vista e exemplifica a transformação do espaço. Em meio aos registros coletados in loco, assim como nas imagens retiradas do Google Street View, é possível perceber a metamorfose da paisagem, que decorreu do êxodo da população ao longo de sete anos, sendo a primeira imagem de 2024, a segunda de 2022 e a terceira de 2019. O contato inicial com as imagens das edificações exibindo seus telhados removidos, as rachaduras nas ruas e o cinza do concreto dando lugar cada vez mais ao verde da vegetação, de certa forma, direciona a imaginação a tentar identificar uma imagem do espaço em abandono. Então, aquela cidade antes destinada às pessoas vai sendo transformada por outros modos de habitar. Enquanto Emanuele Coccia (2020) trabalha o conceito de metamorfoses aplicado a um corpo vivo, como de plantas e animais. Ao longo desta

investigação, percebemos que as concepções do filósofo também se estendem ao ambiente construído, ou demolido, nessa simbiose entre ser e não-ser, ou seja, entre o espaço edificado e as diferentes formas de vida que podem deste emergir.



**Fig. 4:** Trecho do bairro do Farol em 2024, logo acima a mesma vista no ano de 2022 e por último, uma vista do ano de 2019. Fonte: Google Street View, adaptado pelos autores, 2024.

Olhar para o desastre socioambiental que vem acontecendo em Maceió por uma perspectiva estrangeira é assistir também o atravessar do tempo. É um olhar que não se tece a partir de relações e memórias com o que um dia foram os bairros do Pinheiro, Farol, Bom Parto, Mutange e Bebedouro. Configura-se um outro testemunho a partir da relação com o local em subsidência, que explora as camadas do acontecimento através dos sentidos (inicialmente visão, audição e imaginação), contrapostos com a atividade in loco que adiciona outras camadas emocionais ao processo. Esse sentimento pode ser fortalecido por Calvino (2003), que nos apresenta uma ideia de que as diferenças desaparecem quando viajamos, pois, “uma cidade vai se tornando parecida com todas as cidades, os lugares alternam formas, ordens, distâncias, uma poeira informe invade os continentes” (Calvino, 2003, p. 58). E então, nos diálogos descritos pelo autor, o viajante Marco Polo diz que “quanto mais se perdia em bairros desconhecidos de cidades distantes, melhor compreendia as outras cidades que havia atravessado para chegar até lá” (Calvino, 2003, p. 14). Esse encontro com os bairros desconhecidos de Maceió demonstra o que já reconhecemos em outras cidades — seja quando percebemos a vegetação crescendo no espaço



urbano, quando passamos por becos desertos ou mesmo quando vemos escritos e manifestos pelos muros da cidade, por exemplo —, como se em todo lugar houvesse um pouco de outros lugares.

### 3 Des-re-habitar

Fernando Atique (2019, p.165) nos lembra que “(...) a arquitetura molda a cidade, pois, embora seja discurso formal e funcional, é também imagem, repositório de representações, deflagrador de memórias e suporte material de referenciais urbanos”. Incorporar o des-re-habitar nos bairros em subsidência em Maceió é aproximar-se dessa outra percepção, para contribuir na compreensão de que o lugar não evanesceu em sua totalidade. E, por isso, compreendemos que o esvaziamento de pessoas dos bairros afetados pelas atividades de mineração da Braskem entra em consonância com a ideia de des-habitar. Entretanto, antes de pensar o espaço des-habitado é interessante desvelar o que caracteriza o espaço habitado e, nesse sentido, Heidegger (2008, p. 128) demonstra, a partir do estudo semântico e etimológico da palavra *habitar*, que esta encontra uma relação com a palavra construir, que permite o desdobramento para três percepções:

1. *Bauen*, construir é propriamente habitar;
2. *Wohnen*, habitar é o modo como os mortais são e estão sobre a terra;
3. No sentido de habitar, construir desdobra-se em duas acepções: construir, entendido como cultivo e o crescimento e construir no sentido de edificar construções.

Pensando com atenção esses três momentos, haveremos de encontrar um aceno e assim poderemos observar que, enquanto não pensarmos que todo construir é em si mesmo um habitar, não poderemos nem uma só vez questionar de maneira suficiente e muito menos decidir de modo apropriado o que o construir de construções é em seu vigor de essência. Não habitamos porque construímos. Ao contrário. Construímos e chegamos a construir à medida que habitamos, ou seja, à medida que somos como aqueles que habitam (...).

A construção do lugar foi cultivada por pessoas que constituíram naquele espaço o seu habitar — seja pela construção arquitetônica e urbanística, pelas vivências, lembranças, memórias. Mesmo que, ao olhar “de fora”, essa percepção seja distante, é possível imaginar que ali havia outras vidas. A razão de ser é afetada à medida que o desabitado humano é forçado e o esvaziamento transforma o que conhecemos como cidade, bairro, rua, residências, escolas, varandas, entre outras construções. O cotidiano, as trocas interpessoais, o costume de habitar, tudo aquilo que normalmente encontramos numa cidade, agora parece conformar-se num grande cenário escultórico, não estático, mas que parece ser habitável (ver Figura 5). Guatelli explica que a arquitetura dificilmente será apenas contemplativa e admirada como objeto, mesmo diante de esculturas que fundam um espaço habitável momentâneo, como as obras de Richard Serra. Para o autor, “a inexorável muralidade da arquitetura sempre criará um fora e um dentro a ser ocupado, habitado e apropriado” (Guatelli, 2012, p. 16-17). Ao caminhar pelos bairros, encontramos ali outras formas de habitar (Figura 6). O modo de existir daquela arquitetura não é o mesmo de sua concepção, ou pelo menos ao que estamos acostumados. Percebemos uma vegetação que se alastra de forma fluida pelas construções, fios e outros artifícios; animais, como aves e répteis, que retomam ali seu espaço de morada (ou apenas passaram a ser vistos). Descortina-se, então, uma condição espacial não destinada ao demorar-se, de morar do ser humano<sup>9</sup>, mas sim de uma presença representada por outros elementos e por outras vidas.

<sup>9</sup> Afinal, habitamos de outras formas e nem sempre as habitações apresentam em si a ideia do habitar (Heidegger, 2008).



**Fig. 5:** Encontro com outros modos de habitar nos bairros em afundamento em Maceió–AL. Fonte: Tamyres Oliveira e Wanderson Barbosa, 2024.

Mesmo diante desse cenário, existe um controle<sup>10</sup> de acesso à área, que inibe outros modos de vivência, até mesmo a livre contemplação. Parece que, após o esvaziamento espacial por parte dos seres humanos, estamos diante de um espaço privativo e, ao mesmo tempo, inseguro. Dia cinza, ruas silenciosas que lembram becos desertos, por vezes sem saída, devido aos tapumes e restrições de circulação, como lugares dos quais geralmente desviamos numa cidade. Os tipos arquitetônicos conformam-se por edificações com vãos sem janelas e vedados com tijolos sem acabamento, com lacunas decorrentes de elementos arrancados — brechas que permitem olhar um interior destruído e cheio de vestígios. Algumas que possuem apenas paredes, sem telhados e lajes, e que aparecem desfiguradas de seus usos. Apesar dessa desestabilização, o espaço não fica desprovido de função. As expressões escritas<sup>11</sup> pelos muros e tapumes, placas que direcionam rotas de fuga, os ruídos das retroescavadeiras que ecoam pelos vazios das ruas ou mesmo pelos destroços e ruínas são rastros de um possível habitar percebido pelo olhar de quem ali não passou nem morou.

<sup>10</sup> Ao percorrer as ruas do bairro Farol, por exemplo, é comum nos depararmos com guardas fazendo vistorias pelos espaços e alertando sobre a permanência em uma área de risco.

<sup>11</sup> Ao refletir sobre a ideia de presença em arquitetura, sobre como habitamos o espaço, Guatelli (2012, p. 19) conta que, em uma entrevista publicada na revista italiana *Domus*, “(...) Derrida diz que ‘escrever é um lugar de morar’, além de defender ‘uma arquitetura onde o desejo pode morar’. (...) Para ele, ao escrever, estamos habitando, pois tanto o ato de escrever como o de habitar exigem o tempo de reflexão e a ativação do suporte inerte no caso da escrita, a folha em branco, no da arquitetura, o espaço. (...) Se escrever é habitar, habitar é realizar inscrições no espaço, como podem ser ou se dão essas inscrições, abre e fecunda perspectiva indagativa”.





**Fig. 6:** Vista do habitar de outras vidas nos bairros em afundamento em Maceió–AL. Fonte: Tamyres Fontenele, 2024.

A vista de cima, de quem olha para o antigo bairro Mutange, é de entulhos acumulados e amontoados, organizados como túmulos sequenciados e semelhantes. Talvez seja uma percepção coerente imaginar ali um grande cemitério, afinal, morreram lares, escolas, feiras, padarias, cheiros, cores e sons. Mas o que permaneceu nesses lugares onde nem os limites das ruas e quadras podem ser identificados? Onde não sabemos o que é público ou privado? Que habitar é esse? Guatelli (2012, p. 33-34) propõe uma reflexão sobre como estamos, enquanto arquitetos e urbanistas, habituados a buscar pela definição de espaços e seus conteúdos programáticos, mas que isso restringe e condiciona à utilização e modos de apropriação, que acabamos repetindo modelos e rotinas. Então, estamos diante de um espaço aberto a significações? A bruta modificação da imagem do lugar entra em conflito com a relação espaço-uso, abrindo-se à relação espaço-tempo, afinal a predeterminação de uso do espaço já não faz mais parte do lugar e vincula-se aqui a uma abertura a outros significados e representações, sem omitir um passado que conformou um outro no mesmo. Ainda que se trate de um antigo bairro, que desapareceu em termos materiais, esse parece já abrigar uma outra função. É a metamorfose de um território, uma re-invenção, um re-habitar.





**Fig. 7:** Vegetação proliferando em meio às edificações abandonadas; Pichação em muro de residência no bairro do Pinheiro, Maceió; Expressões e temporalidades dos bairros afetados. Fonte: Wanderson Barbosa, 2024.

“O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes” (Calvino, 2003, p. 09). Não estamos diante de uma das cidades invisíveis de Calvino (2003), mas temos aqui uma cidade que contém um pouco de todas elas. O encontro com as frases “vou pixar a cidade inteira só para ela ver o quanto ela faz falta” ou “a felicidade desta família a Braskem ruiu” nos conta sobre perdas e saudade, manifestos que registram a presença das pessoas que foram removidas do local (ver Figuras 7 a 9). Então nos questionamos: há uma permanência nos escombros?





**Fig. 8:** Expressão manifestada pela população que residia nos bairros afetados; Vestígios e memórias de uma ocupação humana nos bairros em subsidência. Fonte: Wanderson Barbosa, 2024.

O habitar suscita rastros e estes, por sua vez, estão sujeitos às diversas temporalidades relativas tanto ao próprio tempo quanto ao espaço. Nessa teia, Bluteau (1789, p. 449-450) caracteriza o tempo como a “medida de duração das coisas”, enquanto a temporalidade suscita “algo que dura dentro de um tempo limitado, não eterno, transitório”. Assim, pelas expressões do lugar, percebemos que houve o tempo do morar, crescer, cuidar, se relacionar, o do tremor, da insegurança, da evasão, da impermanência, da revolta. Enquanto visitantes, deambulamos pelas ruas desses bairros em subsidência e enxergamos outras temporalidades dessa tenuidade entre o habitar e des-habitar: entre alguns elementos, destacamos o tempo dos rastros, do silêncio, o som do trator e o tempo do re-habitar. Os rastros mais visíveis se manifestam a partir da própria arquitetura, parcialmente demolida, tamponada, ocupada. A cada passo percorrido pelas ruas que restaram é possível perceber uma diversidade de rastros, seja através das pichações nos muros das edificações ou nas plantas que os antigos moradores precisaram deixar para trás. Entre um rastro material e outro ainda é possível perceber aqueles mais intrínsecos, como a relação casa-paisagem, enquadrada por uma janela, hoje ocupada pelo vazio.





**Fig. 9:** Simbiose entre vegetação e ruínas no bairro do Farol, Maceió; Proliferar em meio ao concreto. Fonte: Wanderson Barbosa, 2024.

Enquanto o silêncio humano permeia as ruas, questionamentos tomam conta do imaginário: qual o tamanho da área afetada? Existe um polígono traçado pela defesa civil como área de impacto, mas toda a cidade foi alvo das consequências geradas pela mineração, desocupando determinados bairros e superpopulando outros. Para onde as pessoas removidas foram? O mesmo silêncio que permeia vez ou outra as ruas do Pinheiro, Farol, Bebedouro, Mutange e Bom Parto parece ter se estabelecido sobre esses questionamentos que, pelo menos nos bairros afetados, só é rompido pelos sons dos tratores. O que vai sobrar para contar a história desse passado? Durante os encontros empíricos com a região afetada, o barulho das máquinas ecoava como trilha sonora nos bairros (Figura 10). Ouvimos o silêncio do vazio diante do medo, ao caminhar pelas ruas desertas, e até mesmo quando nos deparamos com o ruído da demolição. Naqueles entulhos, interpretamos que as pessoas enterraram muito mais que construções, mas também suas relações socioespaciais, suas memórias e parte de suas existências. O som do trator nos lembra a efemeridade das permanências, das relações e da própria vida.





**Fig. 10:** Demolição de edificações no bairro Mutange. Fonte: Tuanne Monteiro, 2022.

Assim, o re-habitar surge em meio aos escombros a partir da manifestação de formas de vidas não humanas. Essas outras formas, sobretudo a vegetação, re-habitam o espaço que um dia já foi seu, construindo uma simbiose com os restos em meio às ruínas. Da mesma forma, diversos animais ocupam tanto as fiações elétricas desligadas, quanto as áreas úmidas das construções que, sem telhado, criam um ambiente favorável à sua permanência. Observar esses espaços de fora e se autocaracterizar como um outro olhar é confirmar a existência de um olhar inicial, sendo esse o lugar das pessoas que habitavam e ainda habitam as áreas afetadas. É dentro dessas temporalidades plurais que traçamos nossas relações com o lugar, a partir de perspectivas originadas no contato com o desastre socioambiental. Um olhar consciente de que existiram outros tempos antes do desabitado da população e que outros surgirão a partir dos escombros, seja pelo re-habitar dessas outras vidas que tem cada vez mais tomado conta dos espaços, seja pelo silêncio de um futuro ainda incerto. Abrir possibilidades para enxergar um outro modo de habitar é pensar sobre como a arquitetura (construção) preenche uma lógica latente, e não evidencia outros eventos, significados. Se esse espaço intransitivo<sup>12</sup>, por sua indefinição, não tem um desenho pré-adequado, permite as mais diversas formas de apropriação e o que podemos aprender com elas. O que há ainda nesse habitar é a permanência de um resguardo<sup>13</sup> do que foi, de um tempo não tão distante do que é hoje, e a

<sup>12</sup> Igor Guatelli (2019, p. 107) sugere que essa intransitividade não possui uma modelação passível de reprodução.

<sup>13</sup> Compreende-se pelas ideias de Heidegger (2008, p. 129) que o sentido da palavra é íntimo à ideia de um habitar que permanece em nós. Ele nos explica que “resguardar é, em sentido próprio, algo positivo e acontece quando deixamos alguma coisa entregue de antemão ao seu



incerteza de um futuro próximo no sentido do que virá a ser dentre as possibilidades que conseguimos vislumbrar: novos edifícios multifamiliares e ruas asfaltadas. Há tudo aquilo que as expressões nos escritos transmitem. Há também, mesmo nos escombros, a permanência do desastre, dos atos de esvaziamento, de um espaço em transformação.

O movimento de des-re-habitar no espaço em subsidência de Maceió se apresenta assim como um palimpsesto no tempo e no espaço — provocando a re-escritura de uma temporalidade (tempo do desastre) em um recorte espacial (bairros afetados) — através do desastre provocado pela Braskem. A partir da mescla dos processos de des-habitar e re-habitar que acontecem em camadas de tempo coexistentes, percebe-se um percurso dinâmico, onde não há uma linearidade temporal, visto que as pessoas foram des-habitando as áreas e a vegetação re-habitando-as gradualmente. Nesse sentido, o conceito se apresenta pela própria resiliência do espaço, que nos demonstra sinais sutis de resistência, procurando outras formas de re-existir, como uma erva daninha que, mesmo sem ser cultivada, prolifera em meio ao aparente caos.

#### 4 Considerações finais: existe permanência?



**Fig. 11:** Um vão com vista para o antigo bairro Mutange em Maceió-AL. Fonte: Wanderson Barbosa (2024).

Se existe, há nessa permanência a possibilidade de reinvenção? Talvez seja a ideia de um território<sup>14</sup> em processo, onde o descolamento da existência da materialidade ou mesmo o arruinamento dos bairros aponta para o caos, até pelas novas dinâmicas e relações — aqui exemplificadas pelos escritos que aparecem pelos caminhos; afinal, são essas expressões que dão dimensão ao de-morar-se (Heidegger, 2008) ali. Parece que o essencial não está na forma ou na matéria, mas em espaços e dimensões que não alcançamos como estrangeiros, que não acessamos e que se tornam visíveis quando lemos

---

vigor de essência, quando devolvemos, de maneira própria, alguma coisa ao abrigo de sua essência, seguindo a correspondência com a palavra libertar (*freien*): libertar para a paz de um abrigo. Habitar, ser trazido à paz e um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. O traço fundamental do habitar é esse resguardo. O resguardo perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um de-morar-se dos mortais sobre essa terra”.

<sup>14</sup> Essa ideia de território conforma-se a partir do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012, p. 122-124), quando refletem sobre a busca de ordem em meio ao caos, quando os escritos são abrigo, assim como aquela “cançãozinha” que parece nos levar a um lugar íntimo.



que a “saude dói” ou “aqui morava uma família”. A Figura 11 enquadra uma paisagem em disparidades. O azulejo florido entra em conflito com a vista através do vão para os fragmentos do que havia. A calma da laguna Mundaú contraria o amontoado de entulhos localizados à sua margem, ao mesmo tempo que o silêncio da área verde é posto numa linha antagônica ao barulho das retroescavadeiras. Os cinco bairros afetados pela mineração da Braskem possuem cenários variados, assim como identidades diferentes, entretanto é possível afirmar um ponto em comum: o contraste, que embora seja definido como o que “faz oposição” (Bluteau, 1789, p. 324), abre espaço para o que se acentua entre temporalidades, entre habitar e des-habitar, entre o silêncio e o som do trator. As marcas do lugar coexistem nas presenças e ausências, conformam-se por tensionamentos e articulações espaciais, e está tudo posto no agora, afinal “(...) a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras (...)” (Calvino, 2003, p. 7).

O olhar estrangeiro para o desastre evoca o discurso de Edgar Morin (2020), que nos soou como um consolo no contexto da pandemia da Covid-19: o entendimento de que o avanço técnico, científico e econômico<sup>15</sup> não significa evolução humana, e que as crises podem ser vistas como oportunidades de confrontar posturas e ideias, e reconhecer divergências relativas ao gesto de edificar, de ocupar artificialmente o espaço natural que nos foi deixado. Assim, nos sentimos motivados a vislumbrar uma outra perspectiva desafiadora que concerne não apenas à gestão urbana em termos de proposições intervencionistas e preservacionistas que considerem preexistências e memórias traumáticas, mas, sobretudo, à concepção da própria ideia de habitar, enquanto desafio encarado neste artigo. A proposta abrange, dessa maneira, o desenvolvimento de políticas integradas e participativas, bem como a implementação de projetos urbanos que reflitam a diversidade de interesses, cosmogonias e visões de mundo envolvidas nas disputas multilaterais do espaço urbano.

Dessa forma, assim como o futuro da região em subsidência de Maceió, as considerações finais deste trabalho não se findam em uma conclusão. Da mesma maneira que consideramos o des-re-habitar como um processo dinâmico, entendemos a reflexão aqui proposta como o principal resultado dessa discussão, criando um registro histórico por si. O olhar estrangeiro — do ser alheio ao espaço e tempo observado — possibilitou ao longo da investigação, pelas imersões na área afetada, a captação de imagens que transmitem esse mesmo olhar através dos elementos sutis, ou nem tanto, que redesenham o espaço. Temos, então, a confluência entre o des-habitar e o re-habitar, criando-se uma narrativa texto-imagem. Seja pelos conceitos de Heidegger (2008) e Guatelli (2012) sobre o habitar, de Atique (2019) em relação à arquitetura evanescente, as definições de Bluteau (1789) ou as passagens pelas cidades invisíveis de Calvino (2009), percebemos que o movimento do des-re-habitar não se finda, pelo contrário, perpetua metamorfoseando-se.

Nesse sentido, apesar de todos os abalos e impactos negativos, pensamos que a dinâmica circunstancial que o desastre impulsionou e que aqui sintetizamos como des-re-habitar, abre brechas generosas para, por exemplo, atentarmos para o que Krenak (2025) conceituou de “reflorescimento”. Ou seja, estaríamos diante de uma apropriação socioespacial que vê esse tipo de estrutura urbana que foi devastada, como a própria ruína da natureza e que prega a coexistência entre artifício e meio ambiente de uma forma mais integrada. Mesmo porque, foi esse último o primeiro a ser perfurado, maltratado, colapsado...

## Referências

- Atique, F. (2019). *Arquitetura Evanesciente: o desaparecimento de edifícios cariocas em perspectiva histórica*. Edusp.
- Belitardo, A. (2023, 19 de dezembro). Entre rachaduras e silêncios: a cidade-fantasma que assombra Maceió. *Archdaily Brasil*. <https://www.archdaily.com.br/br/1011278/entre-rachaduras-e-silencios-a-cidade-fantasma-que-assombra-maceio>
- Bluteau, R. (1789). *Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico (...) offerecido ao Rei de Portugal, D. João V, pelo Padre D. R. Bluteau*. Collegio das Artes da Companhia de Jesus.

<sup>15</sup> Nesse contexto, podemos citar também o urbanismo mecanizado ainda considerado como um avanço.

- Brasil. Justiça Federal da 5ª Região. (2019). Processo nº 0806577-74.2019.4.05.8000. <https://pje1g.trf5.jus.br/pje>
- Britos, A. G. V. (2021). Manifesto de uma erva daninha. In: A. G. V. Britos; B. B. Chizzolini & R. C. de M. Pitombo (Orgs.). *Verdejar ante a ruína: escritos para cultivar novos mundos* (p.16-26). São Paulo: USP. <https://cesta.fflch.usp.br/node/1531>
- Bulhões, J. A. (2022). *Colapso Urbano? Narrativas de moradores do Pinheiro sobre a subsidência do solo em Maceió-AL*. [Trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas]. Repositório Institucional da UFAL. <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/9807>
- Calvino, I. (2003). *As Cidades Invisíveis* (D. Mainardi Trad.). Biblioteca Folha.
- Coccia, E. (2020). *Metamorfoses* (2a ed.). Dantes.
- CPI da Braskem: relatório final. (2024, 21 de maio). (Comissão de inquérito do Senado Federal (Presidente: O. Aziz Relator: R. Carvalho). Brasília, DF: Senado Federal. <https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2642&tp=4>
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2012). Acerca do ritornelo. In: *Mil Platôs* (2a ed., vol. 4, pp.121-179). Editora 34.
- Flusser, V. (2009). *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Sinergia Relume Dumará.
- Guatelli, I. (2012). *Arquitetura dos entre-lugares: Sobre a importância do trabalho conceitual*. Senac.
- Heidegger, M. (2008). *Construir, habitar, pensar*. In Ensaios e conferências. (M. S. C. Schuback, Trad.). Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco (pp. 125 - 142).
- Jacques, P. B. (2008, fevereiro). Corpografias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius. <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>
- Krenak, A. (2022). *A vida é selvagem*. Amazônia Latitude.
- Krenak, A. (2025, 29 de abril). *Pour une florescência et une florestania : habiter la Terre à l'Anthropocène* [Vídeo]. Conferência apresentada à Collège de France. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=0r75TSGxQBo>
- Lopes, C. E. S. (2022). *Vidas e lares destruídos: território e memória, uma fotoetnografia após a tragédia causada pela Braskem*. [Trabalho de conclusão de Curso em Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas]. Repositório Institucional da UFAL. <https://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/11532>
- Lynch, K. (2011). *A imagem da cidade*. (3a ed., coleção cidades). WMF Martins Fontes.
- Medeiros, M. M. (2022). *Maceió à flor da pele: memória, arte e catástrofe*. [Tese de doutorado, Universidade Federal de Alagoas, Programa de Pós-Graduação em Dinâmica do Espaço Habitado]. Universidade Federal de Alagoas.
- Morin, E. (2020, 5 de junho). *Veredas do Futuro: O mundo pós Covid-19* [Vídeo]. Webinar: UnBTV. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=qlCoQPslFlc>
- Nunes, S. (2022, 20 de março). Especial: o "fenômeno geológico" da Braskem em Maceió. *O bastidor*. <https://obastidor.com.br/politica/especial-o-fenomeno-geologico-da-braskem-em-maceio-2989>
- Oliveira, P. L. (2023). *O som da lembrança: paisagem sonora do bairro de Bebedouro (Maceió - AL) afetado pelo desastre socioambiental decorrente da exploração de sal-gema*. [Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/247543?show=full>
- Rodrigues, A. (2023, 8 de dezembro). *Afundamento do solo de mina em Maceió já passa de 2 m de profundidade: Alerta de risco continua válido, segundo a Defesa Civil*. Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-12/afundamento-do-solo-de-mina-em-maceio-ja-passa-de-2-m-de-profundidade>



Santos, P. V. M. (2023). *Uso Corporativo do Território e Exclusão Social: o caso Braskem e a Comunidade do Flexal na Cidade de Maceió – Alagoas*. [Trabalho de conclusão de Curso em Geografia - Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Alagoas]. Repositório Institucional da UFAL. <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/12218>

Seixas, J. (2023, 10 de dezembro). Mina da Braskem em Maceió se rompe: o que acontece agora? *BBC News Brasil*. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c2e2e0yz04eo>

Silva, V. R. S. (2025). *Arquitetura da lembrança: ideias de espacialização da memória traumática para a área afetada pelo desastre socioambiental em curso (Maceió-AL)*. [Trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas].

Vieira, P. S. (2022). *Fissurada: cartografia de tensões através de imagens do bairro de Bebedouro em Maceió/AL*. [Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas]. Repositório Institucional da UFAL. <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/11401>

Zevi, B. (2009). *Saber ver a arquitetura*. (6a ed., coleção cidades). WMF Martins Fontes.